

# PANOS

## Um dos mais inteligentes e generosos projectos

### João Carneiro

>  
*Cidadania,*  
 de Mark Ravenhill,  
 enc. Graeme Pulleyn,  
 PANOS 2006,  
 fot. José Alfredo.



Há muito tempo, mas num tempo em que a minha infância já existia, havia três exercícios que faziam parte da escolaridade habitual e dos processos de aprendizagem: a cópia, o ditado e a redacção. A linguagem não depende de nenhum destes processos para existir na vida de cada pessoa, mas aquelas actividades ajudavam a pôr as coisas no sítio, por assim dizer. Ajudavam a organizar as palavras em frases, e as frases em descrições. Ajudavam e ajudam, penso eu. E como o mundo existe, mas para podermos dar conta dele precisamos de o colocar sob a forma de descrições, aquelas operações mais não eram do que as manifestações escolares possíveis, num determinado tempo e num determinado lugar, para ajudar as pessoas a viver o melhor possível umas com as outras. Eram, e são.

A Culturgest resolveu fazer uma cópia do projecto britânico *Connections*, um projecto com quinze anos de existência, que tem como objectivo levar pessoas entre os 11 e os 19 anos a fazer teatro. Muitos dos mais

conhecidos, respeitados e interessantes escritores britânicos escreveram para esse projecto, pois todas as peças são, em cada edição do *Connections*, originais.

Quando a Culturgest resolveu importar este modelo, fê-lo com necessárias adaptações, claro, e a principal adaptação tem a ver com um aspecto quantitativo: menos textos, menos grupos, menos espectáculos finais. As diferenças, contudo, são insignificantes. No primeiro ano – o ano lectivo de 2005-2006 –, Hélia Correia e Jacinto Lucas Pires escreveram peças para os PANOS; no segundo ano, foi a vez de Armando da Silva Carvalho e de Alexandre Andrade; este ano, as encomendas foram feitas a Luísa Costa Gomes e a Patrícia Portela. Entretanto, têm sido importadas peças de anteriores edições do projecto britânico, peças de Mark Ravenhill, de Ali Smith, de Dennis Kelly, de Letizia Russo. Numa primeira fase, os encenadores de cada grupo trabalham com profissionais; depois continuam o trabalho com os respectivos grupos, e



<  
Sessão de trabalho,  
PANOS 2007,  
fot. Folha.

Ali Smith,  
PANOS 2007,  
fot. Folha.

>



<  
Sessão de trabalho,  
PANOS 2007,  
fot. Folha.

Sessão de trabalho,  
PANOS 2007  
(João Pedro Vaz,  
ao fundo),  
fot. Folha.

>

apresentam os espectáculos; estes são sujeitos a uma selecção e, finalmente, apresentados na Culturgest e nos teatros que se têm vindo a associar a este projecto: o Teatro Viriato e, para este ano, também o ACERT, de Tondela, e o Teatro Oficina de Guimarães.

O resultado ultrapassou, até hoje, toda e qualquer expectativa, e não só relativamente aos números - de participantes, de espectáculos, de peças. E não é só, também, pelo facto de vermos grupos de várias zonas do país debruçarem-se sobre temas como a identidade individual, o encontro entre a tradição literária e a contemporaneidade tecnológica, a moral do julgamento, a orientação sexual. Tem sido extraordinário ver como este trabalho se faz com um empenhamento e com uma capacidade de invenção artística susceptíveis de surpreender o mais empedernido espectador, agrupando em torno de um projecto artístico complexo grupos sociais cuja heterogeneidade é um exemplo invulgar de civismo

e de coabitação social. Para não falar, é claro, do facto de todas as peças serem publicadas em livro, que está à venda desde o primeiro dia das apresentações em Lisboa. Sem a inteligência e a determinação de Francisco Frazão, responsável pela programação de teatro da Culturgest, os PANOS não existiriam. A cópia e a criatividade não teriam dado origem a um dos mais inteligentes e generosos projectos que existem em Portugal, no sector do teatro.